

Zuleika

Nº 1 - ANO 1 | ABRIL 2014



**A MÃE
DA MODA
BRASILEIRA**

ATEMPORAL
Roupas que
vencem o tempo

**IZA: 20 ANOS
DE HISTÓRIA**





A MODA de a ZUZU

Conheça a história da
costureira que não dava
ponto sem nó

itau cultural.org.br/ocupacao

 ZUZU
ANGEL
CRIAÇÕES LTDA

Zuleika

ABRIL 2014

**"ISSO
ACONTECENDO
NO BRASIL
DESDE 1964
E EU, NA
MINHA SANTA
IGNORÂNCIA,
FAZENDO MODA.
VESTIDINHO
COM FLOR E
PASSARINHO."
Zuzu Angel**

Foto: Antônio Guerreiro/acervo IZA



12

ATEMPORAL

Roupas que permanecem atuais quase meio século depois



46

LIÇÃO DE MODA

A história da moda brasileira antes e depois de Zuzu

- 5 EDITORIAL
- 6 EU SOU A MODA BRASILEIRA
Todos os passos de uma trajetória de sucesso
- 22 NOSSA MÃE CORAGEM
Lembranças de Zuenir Ventura
- 28 STUART ANGEL
- 30 LÁGRIMAS NEGRAS
Da perda do filho ao assassinato
- 34 SEÇÃO DE CARTAS
A costureira como remetente e destinatária
- 38 HOMENAGEM
Ronaldo Fraga fala sobre o legado da estilista
- 40 ZUZU PONTO A PONTO
Fatos e fotos de uma produção ímpar
- 52 POR UMA LEGÍTIMA MODA BRASILEIRA
Os 20 anos de atuação do Instituto Zuzu Angel
- 56 COMO ÉRAMOS INFELIZES
Hildegard Angel e a ditadura militar
- 59 PROGRAMAÇÃO

Zuleika

EXPEDIENTE

Coordenação Editorial

Carlos Costa

Edição Executiva

Maria Clara Matos e Roberta Dezan

Conselho Editorial

Ana de Fátima Sousa

Claudiney Ferreira

Hildegard Angel

Valéria Toloí

Projeto Gráfico

Liane Iwahashi

Edição de Arte

Liane Iwahashi

Edição de Fotografia

André Sciti, Liane Iwahashi, Maria Clara Matos,

Raphaella Rodrigues e Roberta Dezan

Coordenação de Revisão

Polyana Lima

Revisão (terceirizados)

Ciça Corrêa

Nelson Visconti

Produção Editorial

Raphaella Rodrigues

Colaboraram Nesta Edição

Bianca Selofite

Claudia Malaco

Corpo docente do IZA

Fernanda Castello Branco

Hildegard Angel

Gustavo Rinaldi

Índio San

Jacqueline Elise Wittmann

João Braga

Karina Matias (agencialema.com)

Laura Zuñiga

Paula Pedroso

Pedro Henrique França

Raphael Giannini

Thiago Rosenberg

Valdy Lopes Jr

Zuenir Ventura

O Instituto Itaú Cultural realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras fotográficas aqui publicadas, além das pessoas fotografadas. Caso alguém se reconheça ou identifique alguma imagem/obra fotográfica de sua autoria, solicitamos o contato através do e-mail atendimento@itaucultural.org.br.

MEMÓRIA E EXEMPLO

Zuleika é uma homenagem do Itaú Cultural à moda brasileira e resgata um de seus personagens mais sedutores: Zuleika Angel Jones. A costureira que optou pelo ofício para poder sustentar a casa e cuidar dos filhos e se tornou a principal referência de identidade no universo da moda nacional. Sua trajetória foi marcada pela coragem. Primeiro, desafiou o mainstream da moda, rompendo com os padrões europeus ao usar signos e materiais genuinamente brasileiros em suas criações. Do mesmo modo, privilegiou o conforto e a autonomia no guarda-roupa da nova mulher que surgia.

Depois, o desafio maior contra o regime político autoritário da ditadura militar, que ceifou seu filho, sua nora e sua vida.

Zuleika continua entre nós, memória e exemplo, nesta publicação, distribuída ao público da **Ocupação Zuzu**, realizada em colaboração com o Instituto Zuzu Angel (IZA).

A revista segue o modelo das antigas publicações de moda e utiliza fotos do acervo do Instituto Zuzu Angel (IZA). Os textos são novos e, em grande parte, exclusivos. A maioria das publicidades é material criado por Zuzu Angel para divulgar sua loja e roupas e foi cedido pelo IZA. Ao final das matérias, intervenções da equipe do educativo do Itaú Cultural suscitam questões paralelas aos temas abordados, aprofundando as reflexões.

Boa leitura!

Eu sou a moda brasileira

POR JOÃO BRAGA

CONHEÇA A TRAJETÓRIA DE ZUZU ANGEL, PRECURSORA DE UMA MODA EM REFERÊNCIAS VISUAIS E CULTURAIS BRASILEIRAS, CUJA CARREIRA UMA EMBOSCADA FATAL.



▲ *No Rio de Janeiro, Zuzu fez da costura seu ofício*

Foto: Norma Pereira/acervo IZA

▲ *Produzia roupas sob medida em série*

Foto: Rogério Bressane/acervo IZA

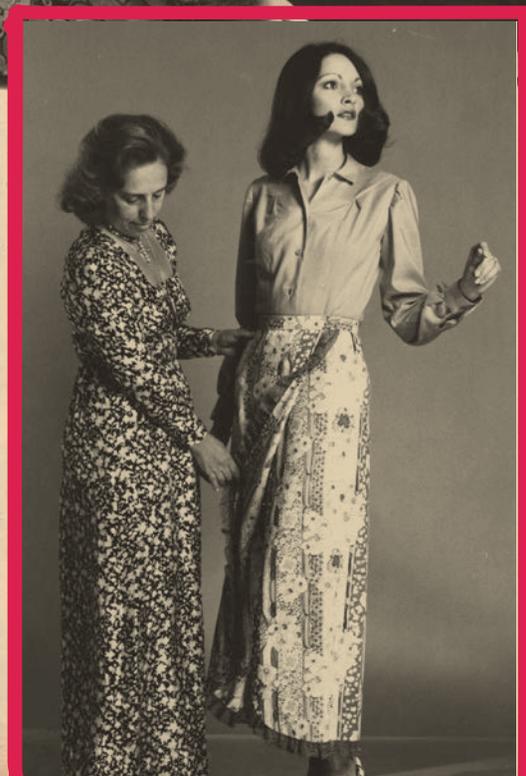
► *Vestiu as mais importantes mulheres da época*

Foto: Valentim/acervo IZA



**GENUINAMENTE INSPIRADA
FOI INTERROMPIDA POR**

Nascida em Curvelo, Minas Gerais, em 1921, Zuleika de Souza Netto mudou-se com a família para Belo Horizonte ainda menina. Lá passou a adolescência e na juventude conheceu Norman Angel Jones, canadense naturalizado norte-americano, com quem se casou em 1943, deslocando-se para Salvador, na Bahia. Em 1945, teve seu primeiro filho, Stuart Edgart. Um ano depois, mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital federal. Na cidade maravilhosa teve duas filhas: Ana Cristina e a caçula Hildegard.





Ainda jovem, com o aprendizado do ofício de costureira, Zuleika Angel Jones (nome de casada) costurava para ela mesma e para os filhos. Quando Juscelino Kubitschek de Oliveira foi eleito presidente do Brasil, em 1956, houve um êxodo mineiro para o Rio de Janeiro e, entre as inúmeras pessoas, uma tia de Zuzu que era amiga íntima da então primeira-dama Sarah Kubitschek e introduziu a sobrinha na sociedade carioca.

A partir de 1957, Zuzu começou a costurar para outras pessoas além da própria família. Primeiro foram saias, depois blusas e quando viu já estava participando significativamente do cenário da moda carioca. Produzia não só artesanalmente, mas também em série. Talentosa, inovadora, com inglês fluente, foi cada vez mais se projetando social e profissionalmente. Separou-se do marido em 1961 e desquitou-se em 1970.

Conheceu e produziu peças para atrizes nacionais e norte-americanas; participou de feiras de moda tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos; foi aclamada pela imprensa de moda intra e extramuros; fez vestidos de noiva; criou peças masculinas; usava e abusava da temática nacionalista em cores, estampas, bordados e rendas; fez coleções para magazines norte-americanos; criou figurinos para o cinema e para o teatro; ganhou prêmios por sua atuação na moda; criou bolsas; vestiu uma primeira-dama; abriu loja no Rio de Janeiro; abriu escritórios no exterior; desenvolveu coleções a ser lançadas nos Estados Unidos; entre inúmeras outras ações de ordem social, cultural e econômica. Foi pioneira, transgressora e extremamente criativa na moda carioca e, por extensão, na moda de todo o Brasil.

Foi a precursora de brasilidade na moda e legitimadora do seu próprio estilo em roupas genuinamente inspiradas em referências visuais e culturais brasileiras. Flores e pássaros, borboletas e papagaios – em algodão, renda e bordado – e até Lampião e Maria Bonita serviram-lhe de fonte inspiradora para as suas criações na moda. Tudo ia muito bem estética e economicamente falando.

▲ *A família reunida*
Album de família/ acervo IZA

▶ *Modelos usam look Maria Bonita com acessórios de Ethel Moreira Costa e chapéus de Maria Augusta; à esquerda, a modelo é Adalgisa Colombo, Miss Brasil em 1958*
Foto: Valentim/ acervo IZA



**ACLAMADA PELA
IMPRESA INTRA
E EXTRAMUROS,
FOI PIONEIRA,
TRANSGRESSORA
E EXTREMAMENTE
CRIATIVA NA MODA
CARIOCA E, POR
EXTENSÃO, NA MODA
DE TODO O BRASIL.**



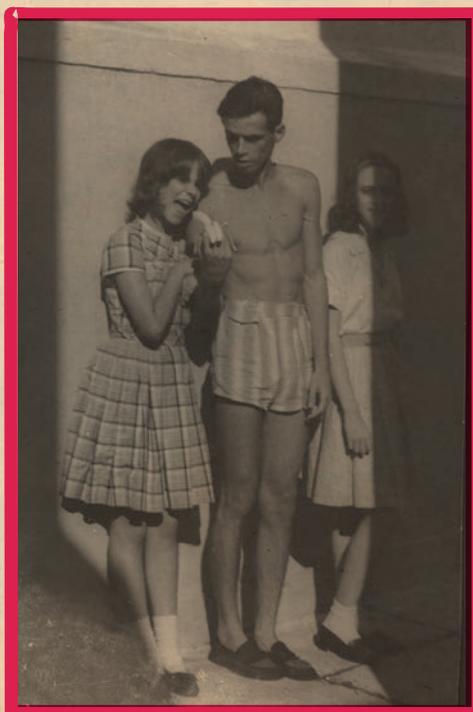
Os anos de chumbo

Nesse período, já havia ocorrido o golpe militar, acontecido na madrugada de 31 de março para 1º de abril de 1964. Foram, portanto, a partir daí, os chamados “anos de chumbo” dos presidentes militares: Castelo Branco, Costa e Silva, Junta Provisória, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Baptista Figueiredo, respectivamente, de 1º de abril de 1964 a 15 de março de 1985. Até mesmo o Ato Institucional nº 5 (AI-5) fora implantado censurando a imprensa e perseguindo os opositores do governo. Na segunda metade dos anos 1960, Stuart Angel, primogênito de Zuzu, inteligente jovem inserido no contexto social, enveredou pelo movimento estudantil; mais tarde, foi militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8); e acabou tendo de entrar para a clandestinidade no Brasil já governado pelo regime militar.

No dia 14 de maio de 1971, Stuart Angel, aos 26 anos, foi preso e desapareceu. Sua mãe passou a exercer uma verdadeira saga em busca do filho, procurando-o em quartéis, presídios ou onde quer que pudesse imaginar e/ou receber informações não identificadas de seu paradeiro. Não havia nada que detivesse essa mãe, essa mulher, essa profissional de moda (ou qualquer outra adjetivação) na tentativa de encontrar Stuart. Até que um dia Zuzu recebeu uma carta de outro preso político dizendo que havia testemunhado o assassinato de seu filho. Entre as negações oficiais, Zuzu agora solicitava o corpo para que ela pudesse lhe dar o repouso eterno com o mínimo de dignidade. Todavia, mesmo com toda sua pungência, não deixava de trabalhar com a sua moda.

A partir daí, utilizou o seu ofício, o seu talento e a sua genialidade, aquilo que sabia fazer com propriedade, que eram as roupas de moda, para denunciar publicamente, em especial nos Estados Unidos, a morte de seu filho e a situação político-social do Brasil. Coragem, bravura e valentia eram atitudes e posturas da estilista, ou como ela mesma se autodenominava, da “designer de moda”. Não hesitou, ousou. Não esmoreceu, enfrentou. Não vacilou, encorajou-se de forças maiores humanamente inexplicáveis.

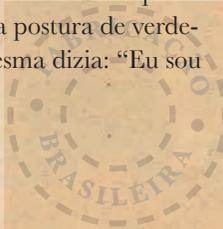
Em suas criações passou a utilizar bordados e estampas com motivos de anjos feridos, canhões de guerra, quepes militares, grades de prisão, pássaros engaiolados e inúmeros desenhos que testemunhassem sua dor e seu sofrimento. Ao se apresentar publicamente, sempre o fazia vestida de preto, como sinal de luto. Eram, de fato, as primeiras coleções de moda com cunho político no Brasil e, quem sabe, até mesmo na história da moda mundial.



Toda essa história aparentemente termina com a morte da estilista na madrugada de 14 de abril de 1976, num forjado acidente automobilístico na estrada da Gávea, no Rio de Janeiro, quando Zuzu perdeu o controle do carro ao sair do Túnel Dois Irmãos. Anos mais tarde, foi reconhecida a sabotagem e a emboscada.

Temática brasileira

A vida e a obra de Zuzu Angel marcaram a história do Brasil. Como profissional de moda, antes mesmo da morte de seu filho, deixou um legado indubitavelmente primoroso estético e socialmente falando. De fato, num Brasil onde a moda da elite social e financeira era abastecer-se de estilos importados, especialmente a moda francesa, Zuzu foi pioneira em assumir seu próprio país como fonte inesgotável de inspiração, valorizando e privilegiando suas autorreferências. Foi verdadeiramente a primeira estilista do país a usar a brasilidade como temática em sua visão de mundo para a moda. Foi uma autêntica postura de verde-amarelismo. Como ela mesma dizia: “Eu sou a moda brasileira!”. ...✂



● **Como criar algo único e com personalidade respeitando as tradições?**

◀ *Da esquerda para a direita, Hildegard, Stuart e Maria Cristina – os filhos de Zuzu*
Foto: álbum de família/acervo IZA

ZUZU ANGEL

NOVA COLEÇÃO



International Dateline — X —
Rua Almirante Pereira Guimarães, 79-A —
Leblon — Rio de Janeiro

“chemisiers”
de ZUZU ANGEL

Venha ver o novo prêt-à-porter de Zuzu, direto no atelier. Vestidos em voile e seda com a marca exclusiva de Zuzu. Manequins de 40 a 46. A partir de Cr\$ 228,00, à rua Nascimento Silva, 510, perto do Jardim de Alah.

AA TT

EE MM

PO

RR A L

QUASE 50 ANOS DEPOIS DE CRIADAS, AS ROUPAS DE ZUZU ANGEL DESAFIAM O TEMPO COM ESTILO SEMPRE ATUAL.

Fotos: Valentim/acervo IZA – ensaio realizado em Nova York



Adalgisa Colombo mostra boneco confeccionado por Virgínia Valle, irmã de Zuzu, que inspirou a linha Cangaço

*Modelos vestem
peças da linha
Candomblé*





*Rendas e franjas
das Pastorais*



*Tecido exclusivo
Dona Izabel
com rendas;
acessórios de
Daniel Maia*



*Tecido Werner com
franja de seda*



*No detalhe da gola,
uma pedra brasileira*



*Seda exclusiva
Werner*



*A modelo
brasileira
Yuruah,
convidada para
a seção de fotos
em Nova York*



*Seda exclusiva
Werner*

Nossa ~ MÃE CORAGEM

POR ZUENIR VENTURA

► Ilustrações: *Indio San*

Tantos anos depois de sua morte, em 1976, Zuzu Angel continua sendo um símbolo. Como figurinista, inventou uma moda brasileira; como mãe, tornou-se exemplo de coragem em um tempo de terror. Foi uma guerrilheira contra o esquecimento e a violência. Estilista famosa, dedicou os últimos anos de sua vida denunciando a morte de seu filho, o jovem Stuart Angel, assassinado pela ditadura militar num ritual de martírio atroz. Segundo testemunhas, ele foi amarrado a um jipe, com a boca presa ao cano de descarga, e arrastado até que morresse envenenado pelos gases tóxicos, num quartel da Aeronáutica.

A causa de Zuzu Angel se resumia a uma só bandeira: “quero o corpo do meu filho”. Suas armas para isso foram o desassombro, o atrevimento, a petulância, a imaginação e o humor. Ela metia medo nos inimigos e fazia rir os amigos. Primeira a exportar nossa moda, ela conseguiu sensibilizar para a sua luta, além de importantes políticos dos Estados Unidos, já que o avô de Stuart era um pastor americano, clientes-estrelas da época, como Liza Minnelli, Joan Crawford, Kim Novak, Veruschka e Jean Shrimpton.

Em 1971, quando foi lançar sua coleção no magazine Bergdorf Goodman, em Nova York, aceitou o convite para uma *avant-première* na residência oficial do cônsul na cidade. Na hora do desfile, a surpresa. Em lugar das rendas e dos bordados de flores, frutos e borboletas, os vestidos exibiram silhuetas bélicas, pássaros engaiolados e balas de canhão disparadas contra anjos – o anjinho de sua grife. A seleta plateia logo percebeu que aquilo não era um desfile, mas uma denúncia.

sil.





NO DIA SEGUINTE, RESTAVA A TAREFA DE REMETER A CORRESPONDÊNCIA PELO CORREIO SOB O MAIOR SIGILO. PARA DESPISTAR, CADA UM FICOU COM CERTO NÚMERO DE ENVELOPES QUE DEVERIAM SER POSTADOS EM LUGARES DIFERENTES. SE TODOS FOSSEM ENVIADOS DE UMA SÓ AGÊNCIA, ISSO CHAMARIA ATENÇÃO DA POLÍCIA.



Na volta ao Brasil, Zuzu aprontou outro pequeno escândalo. Quando no avião começou-se a ouvir “Rio de Janeiro, eu gosto de você”, ela pegou o microfone de bordo e anunciou, primeiro em inglês, depois em português: “Senhores passageiros, estamos chegando à Cidade Maravilhosa, terra da tortura. Aqui, num quartel da Aeronáutica, meu filho Stuart foi morto...” e repetiu toda a história, com aquela obsessão que fez Chico Buarque compará-la a um triste realejo em “Angélica”, a bela canção que lhe dedicou.

O advogado Luiz Roberto Nascimento Silva, que defendeu na Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos do Ministério da Justiça o reconhecimento oficial do assassinato de Zuzu, utilizou o depoimento do compositor – “Minha homenagem a uma mulher como nunca vi igual, ferida de morte e rindo” – e o original do bilhete que deixou para o Chico, avisando que estava sendo perseguida e ameaçada de morte: “Se algo vier a acontecer comigo, se eu aparecer morta por acidente, assalto ou qualquer outro meio, terá sido obra dos mesmos assassinos do meu amado filho”. A lápis ainda acrescentou: “Esteja certo que não estou vendo fantasmas”.

Quando em 14 de abril de 1976 Zuzu apareceu morta num desastre de carro mais do que suspeito, Chico tentou divulgar o bilhete da amiga e pediu ajuda ao dramaturgo Paulo Pontes, com quem acabara de escrever a peça *Gota d'Água*. Era uma tentativa de denunciar que não se tratava de acaso, mas de uma morte anunciada. A revelação poderia ajudar nas investigações.

Paulinho sugeriu então que, sendo eu também amigo de Zuzu, me chamassem, e assim participamos de uma operação que agora parece exagerada nos cuidados e nas precauções que tomamos, mas cuja necessidade na época dá uma ideia do clima de paranoia em que se vivia.

Realizada na casa do compositor, durou até a madrugada e consistiu em reproduzir à máquina algumas dezenas de cópias do bilhete para ser enviadas pelo correio a parlamentares de oposição e jornalistas. Depois, deveriam ser apagados os indícios e destruídas as pistas, inclusive a própria máquina de escrever, que acabou jogada ribanceira abaixo.

No dia seguinte, restava a tarefa de remeter a correspondência pelo correio sob o maior sigilo. Para despistar, cada um ficou com certo número de envelopes que deveriam ser postados em lugares diferentes. Se todos fossem enviados de uma só agência, isso chamaria atenção da polícia. Andamos por vários bairros, e um dos envelopes eu mandei do Méier. Paulinho, usando o carro e o motorista de sua mulher, Bibi Ferreira, passou por alguns subúrbios. Chico, se não me engano, fez algumas de suas remessas de Itaipava.

O pior é que o trabalho foi praticamente inútil. Nos dias seguintes, compramos todos os jornais e esquadrimos cada canto de página, cada matéria e cada coluna com avidez. Nada. Nenhum toque, nenhuma insinuação, nada a respeito, a não ser no domingo, na *Folha de S. Paulo*. Na coluna que então escrevia ali, Alberto Dines referiu-se ao bilhete e cobrou uma investigação policial séria.

Na sua via-crúcis, Zuzu fez coisas que pareciam impossíveis para a época, como driblar o bloqueio de segurança do então secretário de Estado Henry Kissinger, em viagem ao Rio, para entregar-lhe o dossiê sobre a morte do filho. Com seu emocionado depoimento, Chico Buarque foi quem fez a melhor síntese da nossa mãe coragem: "Naqueles tempos, para denunciar o assassinato de Zuzu, fazia falta outra Zuzu" ...✂

● *O que acontece cada vez que nos calamos?*

ZUZU, WE LOVE YOU!



DRESSES, LINGERIES, BEACHWEAR,
BAGS, ACCESSORIES AND T-SHIRTS.



ZUZU
ANGEL
CRIACOES LTDA



rua Almirte, Pereira Guimarães 79a Leblon - Rio de Janeiro, Brazil • phone: 287-9349
In New York available at Henri Bendel or write to A.C. Angel, 1160 Fifth Ave., New York, N.Y. 10029

Nas águas dos rios de Curvelo, sozinha, aprendeu a nadar. No Rio de Janeiro sentiu como uma cidade pode ter cheiro de mar.



*A água sempre exerceu sobre ela um magnetismo
hipnotizante e era nessas águas, salgadas ou não, que
encontrava um alento,*

o refúgio,

o silêncio,

alguma paz.

STUART ANGEL

Stuart não era criança nem sonhador. Era ideológico e patriota. Deu a vida pelo seu país e sua causa sem denunciar sequer um companheiro; foi barbaramente torturado porque não abriu o bico. Não foram muitos que fizeram isso. Era sério. Sabia o que estava fazendo. Deu sua palavra. O país matou e massacrou o que tinha de melhor. Os melhores morreram. Os mais preparados. Os idealistas. Não se constrói uma grande nação sem idealistas patriotas. Aliás, por isso não temos uma grande nação, uma verdadeira nação, temos uma nação capenga, pela metade.

HILDEGARD ANGEL

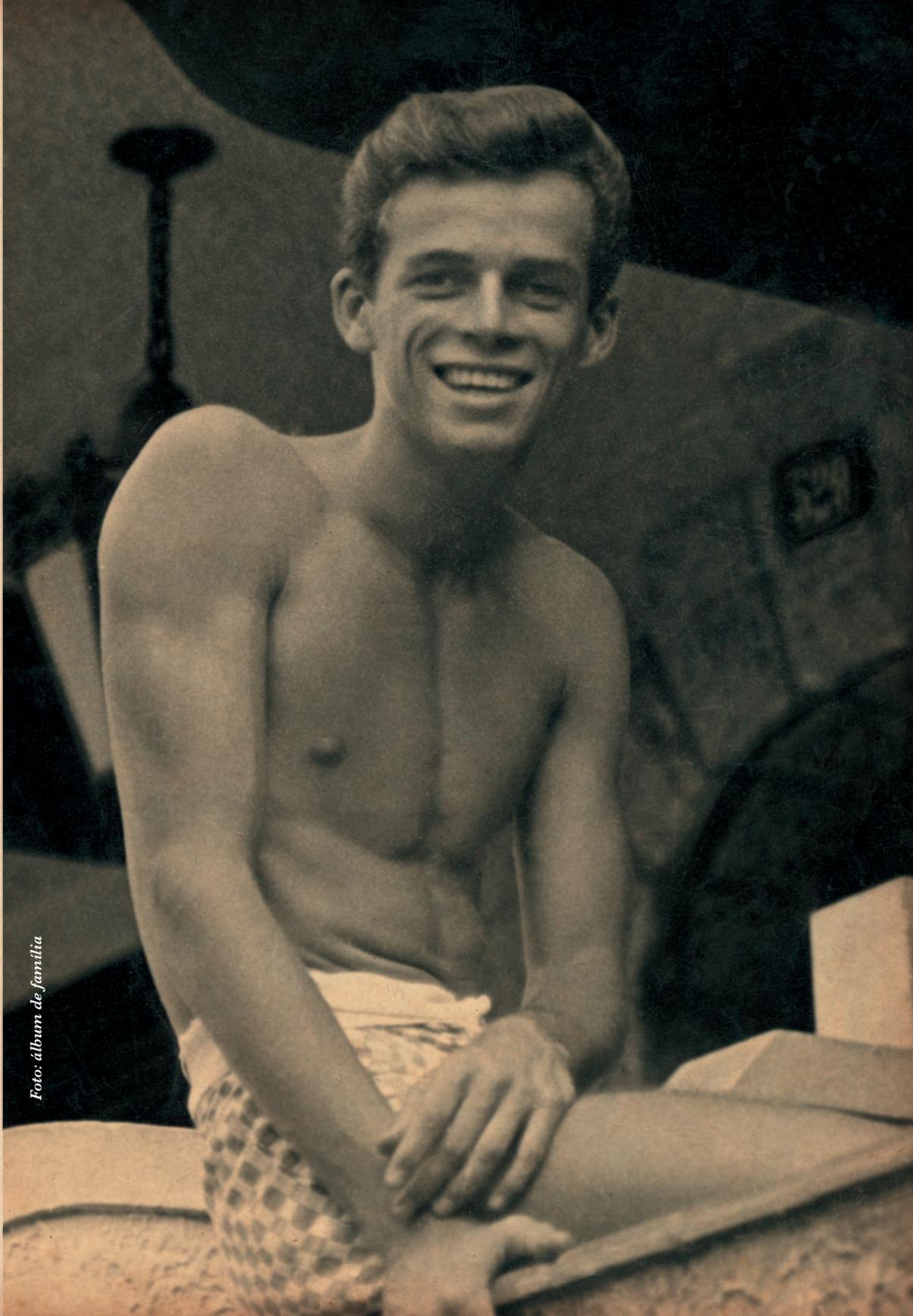


Foto: álbum de família

Lágrimas negras

POR PEDRO HENRIQUE FRANÇA

A ESTILISTA MOSTROU A ATUAÇÃO DA MODA NO COTIDIANO COMO A MODA ATUA NO COTIDIANO COMO VEÍCULO POLÍTICO EM UM MOMENTO DE IMENSA REPRESSÃO NO BRASIL, REAFIRMANDO A CAPACIDADE CRIATIVA PARA TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS.

No início da década de 1970, Zuzu Angel era uma estilista reconhecida dentro e fora do país, especialmente nos Estados Unidos. A natureza e o Brasil, como dizia, eram suas inspirações. Seu filho primogênito, Stuart Angel Jones, também amava a sua pátria. Mas eram outros ideais que o inspiravam. Ele queria um país diferente daquele que se estabeleceu a partir do golpe militar de 1964.

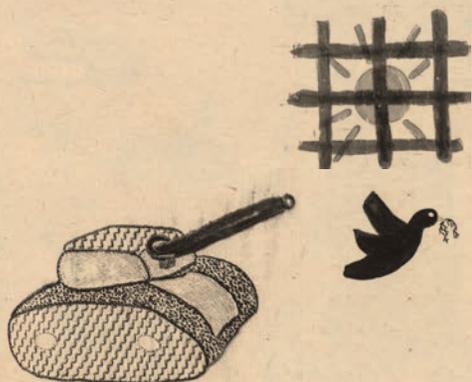
Enquanto Zuzu enaltecia cores e alegria, Tuti, como ela carinhosamente chamava Stuart, enxergava no cenário nacional sombras e incertezas. Com sua esposa, Sonia Morais Jones, ele se infiltrou em grupos clandestinos que lutavam contra a ditadura. Sonhava um mundo socialista. A estilista se preocupava, mas não pôde prever os limites que a luta do filho poderia alcançar.

Em 14 de maio de 1971, Stuart foi preso e, posteriormente, assassinado. Dali em diante, Zuzu Angel passou a conviver com dúvidas sobre o destino de seu filho. Não mediu esforços para obter a resposta para a pergunta que custou a sua vida: onde está Stuart?

Zuzu escreveu em seu diário sobre aquele período. “Isso acontecendo no Brasil desde 1964 e eu, na minha santa ignorância, fazendo moda. Vestidinho com flor e passarinho, moda alegre, descontraída.” No desespero da certeza de que seu filho tinha sido vítima da ditadura, o mundo colorido da estilista escureceu. Foi atrás de tudo e de todos, inclusive do Exército e do DOI-Codi, temido órgão repressor do regime militar, em busca de respostas jamais encontradas.

Moda de protesto

Assim, Zuzu transformou sua moda em protesto. Encontrou nela espaço para manifestar a dor e a revolta. Seus figurinos foram além do estilo e das referências: criou com eles uma linguagem. Ganharam contornos de censura, medo e morte. “O mundo da Zuzu ficou mais sangrento. Ela passou a colocar em seus figurinos as cores da morte, que são trágicas”, diz Elke Maravilha, que compartilhou momentos pessoais e profissionais com Zuzu, desfilando suas roupas como modelo e acompanhando a amiga em sua busca incessante.



- ▲ *Os bordados*
- ▶ *Elke Maravilha em estúdio no Rio de Janeiro*
- ▶ *Zuzu Angel e modelo americana no desfile na casa do cônsul*

Fotos: acervo IZA

Elke lembra o histórico desfile na casa do cônsul-geral do Brasil nos Estados Unidos, em Nova York, realizado no mesmo ano da prisão e morte de Stuart. “Foi muito impactante.” Nas peças, saíam as cores, flores e borboletas, para entrar vestidos brancos com estampas bélicas, como canhões, além de crucifixos, sol atrás das grades. Ao final, ela entrou de preto na passarela. Saiu até no *New York Times*.

Pesquisadora e professora de história da moda, Denise Pollini destaca a importância de Zuzu por ter colocado em pauta as relações entre moda e mensagem. “Ela mostra como a moda atua no cotidiano como veículo político. Foi uma das primeiras a trazer isso para a moda brasileira. E tem de se ressaltar sobretudo a sua coragem. Este é um momento muito importante para discutir a cultura brasileira na moda”, diz Denise.

A pesquisadora sublinha ainda a forma como Zuzu misturou o seu universo lúdico com a mensagem de dor e revolta que imprimia em seus vestidos. “É como se ela transformasse essa realidade tão dura. Ela reafirma sua crença no uso da capacidade criativa para uma transformação social”, comenta Denise.

Caminhando contra o vento

Dois anos depois, em 1973, Zuzu toma conhecimento de que Sonia também foi presa, torturada e assassinada. O corpo de Sonia foi identificado oito anos após sua morte, depois que Zuzu foi assassinada. “Eu comparo a Zuzu com a tragédia grega

de Antígona. Assim como a personagem queria enterrar o irmão, Zuzu tentou enterrar o filho. Ela lutou muito. E um dia eu a alertei: ‘Eles vão acabar te matando’. E ela me respondeu: ‘Eu já estou morta. Morri desde que mataram o Stuart’”, comentou Elke Maravilha.

Durante cinco anos, desde a prisão do filho, Zuzu fez de tudo para achar os culpados. Encontrou a certeza da morte através de uma carta de um ex-guerrilheiro, Alex Polari, que presenciou a sessão de tortura e ouviu seus últimos suspiros. Morreu ali, mais um pouco ao ler cada linha. Ainda assim, não desistiu.

Ela sabia dos riscos que estava correndo. Em 14 de abril de 1976, Zuzu morreu quando seu carro capotou na saída do Túnel Dois Irmãos. A tese de que teria “dormido ao volante, estaria embriagada ou teria tido um mal súbito” nunca foi aceita, em razão de uma série de indícios.

Em 1998, o governo brasileiro reconheceu junto à Comissão dos Desaparecidos Políticos que a morte da estilista não foi um acidente, mas um assassinato, que envolvia os militares. Outro carro bateu no dela e fez com que o seu saísse da estrada e capotasse.

O túnel carioca hoje leva seu nome. A moda brasileira é seu legado. Em desfile no São Paulo Fashion Week, em 2001, o também mineiro Ronaldo Fraga fez sua homenagem com a coleção Quem Matou Zuzu Angel?. “Ela foi a primeira a buscar a identidade da moda brasileira, a falar de Brasil sem trajes típicos, a acreditar no poder panfletário da moda”, disse ele. Um símbolo da moda, um ícone na denúncia de tempos sombrios que não desejamos mais. ✂

● *De que outras formas a moda pode ser política?*

**EM 14 DE ABRIL
DE 1976, ZUZU
MORREU EM UMA
EMBOSCADA NO
TÚNEL DOIS IRMÃOS.
EM 1998, O GOVERNO
BRASILEIRO
RECONHECEU O
ASSASSINATO,
QUE ENVOLVIA OS
MILITARES.**



O sapato, a placa e os destroços do carro em foto da perícia. A montagem perfeita comprova o crime premeditado

Os ANJOS de ZUZU

sobrevoaram o Jardim de Alah!

Pousaram no Leblon à rua

Almte. Pereira Guimarães, 79 - A e

esperam você, com os mais lindos

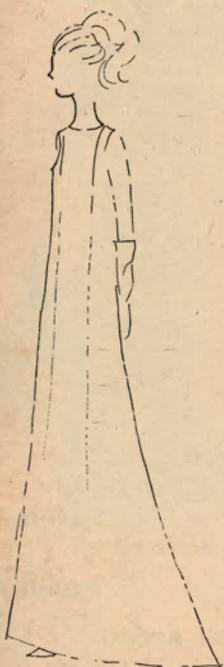
vestidos do novo

PRÊT - À - PORTER

CIA. FÁBRICA DE TECIDOS DONA ISABEL

Seção de

ZUZU ANGEL REMETENTE.
ZUZU ANGEL DESTINATÁRIA.
NA NOSSA SEÇÃO DE CARTAS,
UMA PARTE DA SAGA DE
UMA MÃE EM BUSCA DO
SEU FILHO E UM PEQUENO
PEDAÇO DESSE TRISTE
CAPÍTULO DA HISTÓRIA
POLÍTICA DO BRASIL.



Zuzu Angel

e sua Coleção
Soignée

*Exma. Sra. D^a Zuleika,
Paz e Bem!*

*Agradeço-lhe o bilhete de 13 de
maio, e a documentação que o
acompanhou.*

*A partir deste dia, rezo pelo
Stuart e pela Sra.*

*Não é possível que o sacrifício de
um jovem seja inútil à História
de um País que tanto precisa de
jovens [...]*

*Com muito respeito,
Paulo Evaristo, Cardeal Arns*

► Bilhete de dom Paulo Evaristo Arns à Zuzu Angel, em 18 de junho de 1973

cartas

Texto de Zuzu Angel atestando o receio de ser vítima de um atentado, em abril de 1975

Terezinha,

...Quero que você saiba que nem ao menos tenho certeza se meu filho está morto, pois não me entregaram o corpo. Um dos seus professores esteve aqui e disse: "Stuart era tão humilde, delicado, bom e calado que ninguém poderia imaginar quanta cultura e sabedoria ele carregava dentro de si". [...]

Meu filho passou toda a sua existência estudando, estudando, estudando - só línguas falava oito, que eu tenha conhecimento; talvez mais pois ele não gostava de mostrar os seus conhecimentos nem para as pessoas de casa.

Enquanto o Brasil silencia sobre o martírio deste jovem, este fato é noticiado em 8.000 (oito mil) jornais no mundo inteiro.

O futuro mostrará o Tiradentes da época dos computadores.

Zuzu Angel

► Carta de Zuzu Angel à Terezinha Leal de Meirelles, em 17 de agosto de 1971



ZUZU ANGEL

Declaração

Há dias recebi documento desenhando com pormenores as fortunas e o assassinato, pelo governo militar brasileiro, de que foi vítima, o meu filho Stuart A. Jones.

Este documento está fora do país em mãos de um dos parentes americanos do meu filho morto.

Se algo vier a acontecer comigo, se eu aparecer morta por acidente, assalto ou outro qualquer meio, terá sido obra dos mesmos assassinos do meu amado filho.
Zuleika Angel Jones -
Rio - 23 Abril 1975 -

Secretário Thomas Dines,

...Hoje eu exponho a minha coleção na casa do Cônsul.

Quatro meses atrás, quando comecei a pensar nesta Coleção, me inspirei nas flores coloridas e nos lindos pássaros de meu país. Mas depois, vários tipos de pesadelos entraram repentinamente na minha vida e, claro, as flores murcharam, os pássaros ficaram loucos e eu produzi uma coleção com uma história política. É a primeira vez na história da moda que isso acontece. Então, tenho certeza, que esta tarde darei algo sobre quem pensar, com esta coleção...

► Carta de Zuzu Angel a Thomas Dines, escrita originalmente em inglês, em 13 de setembro de 1971

Querida Hildegard Angel,
Perplexa com o resultado do processo
referente à morte de sua mãe em
estranho acidente em 1976, sinto-me na
obrigação moral de citar os seguintes
fatos ocorridos naquela época.

[...]

Vinte e um anos depois, formada em
psiquiatria e especializada na carreira
sinto-me responsável por não ter
reconhecido, pela minha inexperiência
naquele momento, que ela não estava
deprimida, mas revoltada, nem tampouco
com qualquer sintoma de desequilíbrio
mental. Estava normalmente ferida. Por
isso não consegui preveni-la de não sair
sozinha e tomar outros cuidados, pelo
contrário, minimizei o problema...

► Carta de Germana De Lamare à Hildegard Angel, em 15 de agosto de 1997

[...] Como a sra, muitas mães, filhos,
irmãos, parentes e companheiros vivem
o mesmo drama do "desaparecimento"
de seus seres mais queridos, sumidos
por detrás das portas e das grades de
ferro. Quando essas portas se abrirão
para a verdade?

[...]

A senhora tem o direito de esperar, de
ter esperança, de exigir que seu filho
seja restituído. Apesar de tudo indicar
que ele foi assassinado.

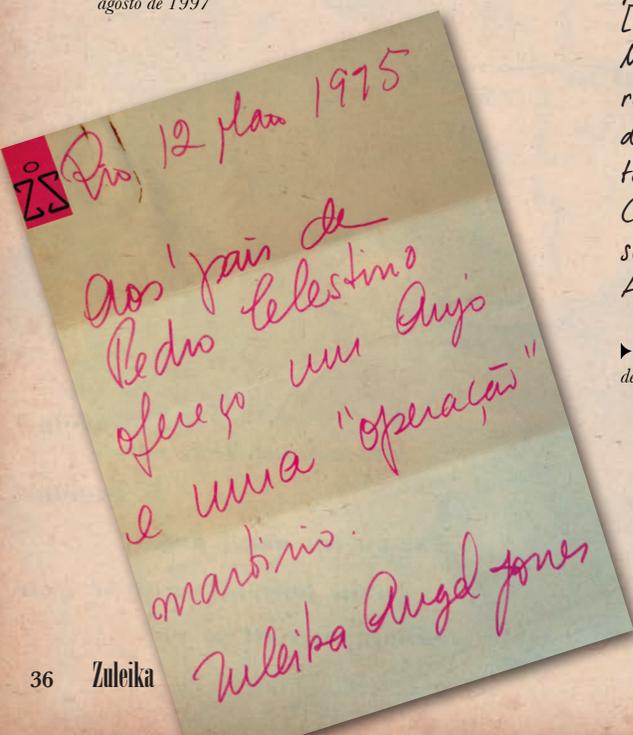
[...]

Minha senhora, os mortos sempre
retornam. A lembrança sempre presente
deles tornará viável um dia novos
testemunhos sobre eles.

Com os votos de mais profunda estima e
solidariedade com sua dor
Alex Polari de Alverga

► Carta de Alex Polari de Alverga à Zuzu Angel, em 23 de maio de 1972

► Bilhete que integrava um kit, com foto de Stuart,
cartão de visita de Zuzu e cartas. O kit era enviado às
famílias com filhos presos ou desaparecidos. Esse foi para
os pais de Pedro Celestino, em maio de 1975



ZUZU ANGEL

Primavera-Verão 1975

*Nesses dias, eu não entendi, mas hoje, estou certa,
aquele homem foi um dos tentadores do meu filho.*



*Do ano do Squash de Stuart
Barrido... e deu Yeddy Zuzuz*

Desfile

Dia 18 de setembro, às 18 horas
rua Alameda Pereira Guimarães 79a
Leblon - Rio

desesperada
levantei-me para mudar
de lugar e ele começou
a ir ~~mais~~ cada vez mais
alto e senti ele me acom-
panhando com ~~um~~ o olhar.

~~Nesta mesma audição, eu
fui neste mesmo dia, eu fui
apresentada a~~

E aí eu vi um homem
na quibala frente que ~~trouxe~~
colocou a mão no peito e que
mostrava uma cruz pequena.
Depois no intervalo ~~de~~ este homem
me procurou numa sala para onde
 fomos, se apresentou disse que ele ^{era elegeri}
era um padre, ~~mas~~ ^{professor aliás de um colégio do Rio} ~~nesta~~ ^{de} ~~batina~~, e
que o meu filho era ~~assim~~ ^{como}
Jesus Cristo, Ele não usava batina ^{ou}

Preison batina !!

HOMENAGEM

O ESTILISTA RONALDO FRAGA REFLETE SOBRE O LEGADO DE ZUZU ANGEL



Modelos desfilam a coleção *Quem Matou Zuzu Angel?* | Fotos: Nino Andres

“ ‘Sou uma mineira jeca’, costumava proclamar Zuzu. Por meio de suas coleções, ela foi a primeira a falar de uma moda com identidade e legitimidade: trouxe rendas e bordados nordestinos para o sul-maravilha; misturou tecidos nobres a lençóis de algodão de lojas populares; bordou figuras do cangaço e estórias de um Brasil rural, temas que continuam caros ao mercado, tão dependente das tendências internacionais... Seu legado vai além de qualquer criação ou peça de roupa específica. Zuzu foi a primeira estilista brasileira a usar o ofício como instrumento de denúncia política e vetor de reafirmação cultural num Brasil encarcerado pela ditadura. Ela nos ensinou que a moda, acima do ‘feio’ e do ‘bonito’, pode ser muito mais do que roupas e fricotes. Será eternamente lembrada como símbolo de resistência, para além dos domínios da moda. ”

RONALDO FRAGA, estilista, homenageou Zuzu – sua conterrânea de Minas Gerais – em desfile da São Paulo Fashion Week de 2001 com a coleção *Quem Matou Zuzu Angel?*.



Zuzu ponto a ponto

Fotos: acervo IZA

Brasilidade elegante

A moda de Zuzu Angel utiliza referências da identidade brasileira. A menção está nos temas regionais, como as baianas e os cangaceiros, nos motivos das exclusivas estampas tropicais e nos materiais – além de rendas, bordados e pedras, contas de madeira, bambus e conchas. Tais matérias-primas e mesmo as referências aos personagens folclóricos eram, até então, associados ao mau gosto e impossíveis de compor um visual moderno e elegante.

A modelo Angela Catramby com tecidos exclusivos em roupas da linha Baianas





A mulher moderna

Independência financeira, igualdade no mercado de trabalho e outras reivindicações da mulher dos anos 1970 estavam presentes no trabalho de Zuzu Angel – ela mesma exemplo dessa nova mulher. Formas e materiais refletem essa preocupação em peças práticas e funcionais, como o macacão e o chemisier. A liberação do corpo entra nesse contexto: barriga de fora, peças que dispensavam o uso do sutiã e comprimento menores para as saias. Entre os tecidos que desenvolveu, o Polybel – mistura de algodão e poliéster –, ideal para peças leves e confortáveis.

A modelo Angela Catramby com tecidos exclusivos em peças práticas para a nova mulher

Vanguarda

Noivas que usavam túnicas e calça ou véus e detalhes de renda, pedras brasileiras ou ainda vestidos feitos com toalhas bordadas colocaram as criações de Zuzu Angel na linha de frente da produção de moda do período. Deslocadas de seu tempo, essas noivas ainda são ousadas. O espírito de vanguarda se fortalece em outras inovações, como as estampas próprias, que iam da iconografia tropical (aves, borboletas, flores e frutos) ao anjo e seu nome, Zuzú Angel, completo ou só o prenome, aplicados e desenhados de diversas maneiras em diferentes peças.

Ana Cristina Angel vestida de noiva



Marco histórico

A coleção lançada em Nova York, em 1971, se chamava International Dateline Collection III – Holiday and Resort. Apresentou shorts e saias-envelopes, vestidos esvoaçantes e vestidos de casamento. Por último, vestidos brancos com modelagem ampla e bordados coloridos e pueris. Foi a primeira coleção a usar a moda como instrumento de denúncia de um regime político autoritário.

Modelo americana mostra uma das roupas de protesto



● *O que te veste também comunica?*

THE NEW YORK TIMES, WEDNESDAY, NOVEMBER 18, 1970

BERGDORF GOODMAN



*Our Find, Our Prize,
Our Delight...*

*Come Meet an Angel,
Zuzu Angel, Today*

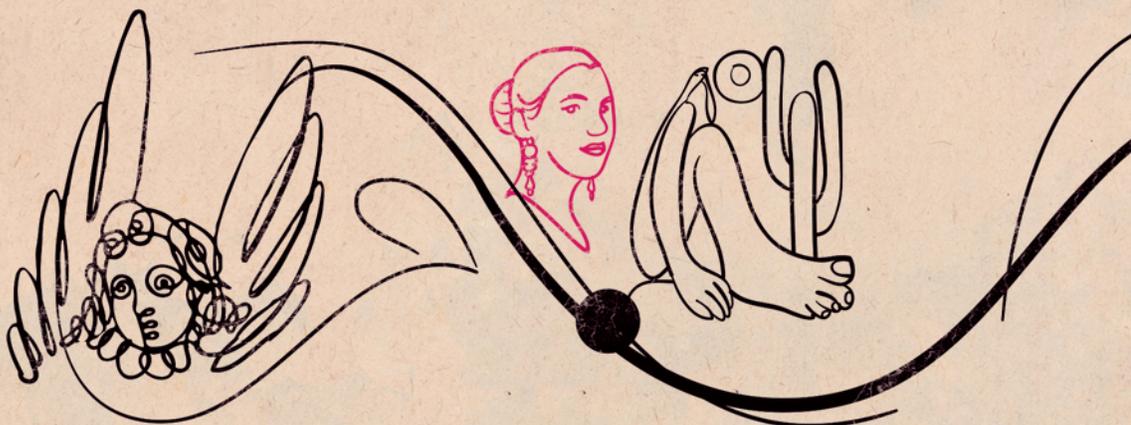
The darling of Rio de Janeiro . . .
now she's Bergdorf's darling,
too. The clothes she's designed
just for us fresh and
amusing, unique and witty but
always, always a joy to wear.
There are daytime and evening
things in silks, cotton,
and organza. All made in Rio
in sizes 4 to 12 and priced
from \$70 to \$260. Come in
today, meet Zuzu Angel and
see the entire heavenly collection
modeled informally from 11
till 4 in Miss Bergdorf, Fifth Floor.



FIFTH AVENUE, 57 TO 58TH STREETS • ON THE PLAZA • NEW YORK 10019 • PLAZA 3-7300

Anúncio referente ao desfile realizado na BERGDORF
GOODMAN - New York - com os
tecidos DONA ISABEL

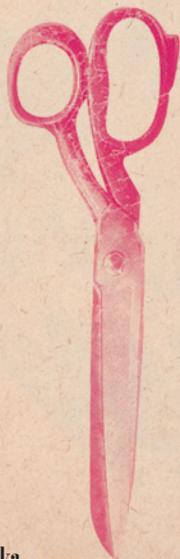
A moda brasileira:



POR JOÃO BRAGA

► *Ilustrações: Índio San*

A HISTÓRIA DA MODA BRASILEIRA ANTES E DEPOIS DE ZUZU ANGEL NA VISÃO DE JOÃO BRAGA, HISTORIADOR REFERÊNCIA DA MODA NACIONAL.

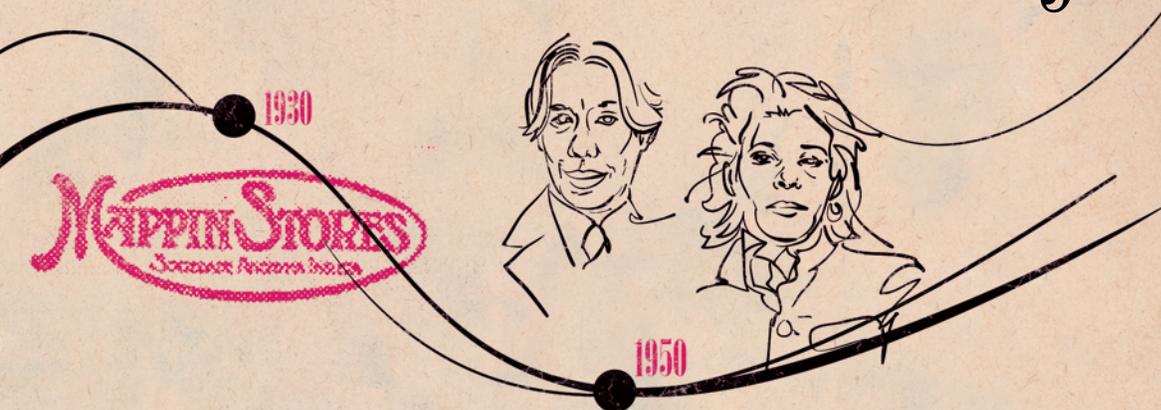


Nos séculos XVII, XVIII e XIX a corte portuguesa seguia a moda ditada pela França, que era definidora do bom gosto para se vestir na Europa e em todo o mundo ocidental. Essa realidade histórica criou por aqui o hábito de se vestir à la française. De certa forma, o brasileiro ainda hoje valoriza mais as ideias e os estilos importados (da França ou de outros países) do que os aqui genuinamente criados e desenvolvidos.

Um dos primeiros acontecimentos de valorização da nossa cultura foi a Semana de Arte Moderna, em 1922. Parte dos artistas envolvidos tinha estudado na Europa (especialmente em Paris) e a própria Tarsila do Amaral, em suas segundas núpcias, casou-se com um vestido assinado por um grande costureiro francês – Paul Poiret. A parte superior desse vestido encontra-se no acervo do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

A história dos profissionais de moda que ganharam representatividade e reconhecimento no Brasil começa com o

sob as asas do anjo



sírio Camillo Sabbagh, aqui radicado e que vestiu a sociedade paulistana dos anos 1920.

Nesse período, a loja de departamentos Mappin Stores fazia desfiles e atendia a clientela com propostas de roupas esteticamente europeizadas.

O Rio de Janeiro projetou a petropolitana Mena Fiala, na década de 1930, por intermédio da Casa Canadá. Ambos, Sabbagh e Fiala, seguiam uma proposta de moda definida por Paris.

Toda essa ideia da moda advinda da França gerou o período das “madames” (Rosita e Boriska, entre outras). Normalmente, mulheres estrangeiras que se estabeleceram no Brasil, em razão da Segunda Guerra Mundial, e trouxeram técnica, bom gosto, acabamento e mais profissionalismo para a produção nacional de roupas.

As mais modestas, que não tinham acesso aos ateliês, compravam tecido, revistas de moda (já existiam várias por aqui desde o princípio do século XX) e faziam suas roupas artesanalmente.

Nos anos 1950, o glamour da moda brasileira foi comandado pelos desenhos de Alceu Penna publicados na revista *O Cruzeiro*. Quase toda brasileira aguardava ansiosamente para reproduzir. Também eram referência os desfiles de Miss Elegante Bangu, no Rio de Janeiro, promovidos pela indústria têxtil Companhia Progresso Industrial do Brasil (conhecida como Bangu). As criações cabiam a José Ronaldo, que passou a ser o “figurinista” da alta-roda carioca, e correspondiam no Brasil à alta-costura de Paris.

Nesse cenário surgiu Dener Pamplona de Abreu, paraense radicado no Rio de Janeiro e que passou a definir o que era a moda no Brasil, tornando-se uma das figuras mais emblemáticas do setor. Suas propostas seguiam uma estética europeia, especialmente francesa. Na sequência de Dener, surgiram nomes como Clodovil Hernandez, Matteo Amalfi, José Gayegos, José Nunes, Fernando José, Ugo Castellana,

Ronaldo Esper (em São Paulo); Gil Brandão, Guilherme Guimarães, Hugo Rocha, Joãozinho Miranda e Ney Barrocas (no Rio de Janeiro), Rui Spohr (no Rio Grande do Sul), entre outros talentos em todo o Brasil.

Esses talentos definiam o que era tido como bom gosto na moda do Brasil, com uma referência especialmente francesa. Alguns deles criticaram negativamente o trabalho de Zuzu, por privilegiar temática e materiais genuinamente brasileiros, considerando sua moda sinônimo de gosto duvidoso. Todavia, o tempo é o melhor crítico, o mais expressivo formador de opinião e o maior legitimador daqueles que foram ou são verdadeiros arautos e visionários em sua época com relação a valores e o futuro.

Em 1958, Caio de Alcântara Machado criou a Fenit (Feira Nacional da Indústria Têxtil), em São Paulo, para promover, especialmente, o tecido nacional de algodão. As ideias e práticas de roupas produzidas em série já rondavam o país, mas a Fenit valorizava a criação exclusiva de nossos costureiros.

Nos anos 1960, São Paulo cada vez mais se industrializava e, paralela e paradoxalmente, o Rio de Janeiro (agora não mais capital da República) valorizava a criatividade privilegiada pelo trabalho artesanal.

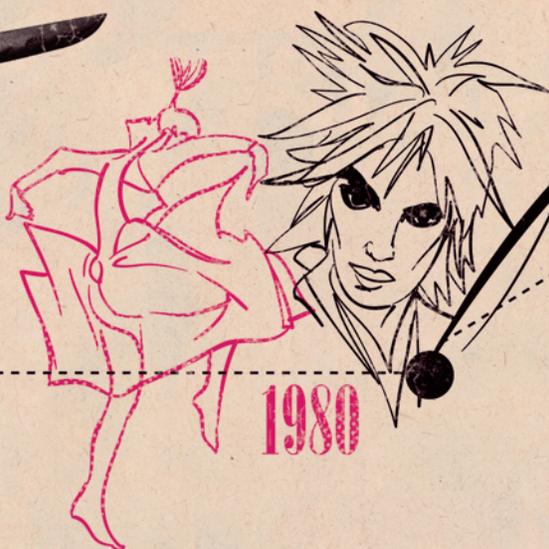
Com a Guerra do Vietnã, surgiu a onda hippie e com ela a moda unissex. É a imposição do comportamento jovem e, por extensão, sua moda. Grandes transformações e a roupa prêt-à-porter (pronta para usar) era uma realidade no exterior. Inversamente à moda industrializada, a hippie privilegiava o artesanal valorizando subjetividades e personalizações.



O nome Zuzu

Esse cenário de ordem internacional ajudou a despontar no Brasil o nome de Zuzu Angel, que, ao mesmo tempo que dialogava com o ar dos tempos da imposição da moda jovem, foi inovadora e transgressora com suas propostas (diferente daquele vestuário adulto e de certa forma clássico), privilegiando essa temática e valorizando a cultura brasileira. A mineira Zuzu, estabelecida no Rio, viria a ser um verdadeiro arauto do que podemos chamar de “moda brasileira”.

Há uma grande diferença entre “moda no Brasil” e “moda brasileira”. O primeiro seria tudo que se usava ou ainda se usa aqui em nosso território independentemente se o produto e o padrão estético são ou não importados; “moda brasileira”, por sua vez, é criada aqui com as próprias referências de cultura e identidade nacionais. Zuzu, ao valorizar nossas matérias-primas, nossas identidades visuais, nossa exuberância de cores, formas e estampas, nossa história e inúmeras outras premissas de referências nacionais, foi pioneira em brasilidade nas



roupas. Rompeu paradigmas mantendo a tradição, atitude que até então não tinha sido tomada na moda nacional.

Após a morte de Zuzu Angel, a moda ganhou outros rumos em criação e produção. Outros nomes e em outras cidades (além do Rio de Janeiro) fizeram da prática artesanal uma constante dialogando com o espírito do novo tempo.

Depois de Zuzu

O cenário mudava. Um novo pioneirismo coube mais uma vez ao Rio de Janeiro com o surgimento do Grupo Moda Rio, em fins de 1978. Outros grupos, inspirados no carioca, surgiram em São Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza na década posterior.

Os anos 1980 trouxeram também muitas mudanças. A indústria têxtil brasileira deu uma nova arrancada com as “coordenadoras de moda” e São Paulo começou a se impor nesse cenário. Outros estilistas surgiram mas ainda eram muito seguidas as propostas estéticas e tendências europeias. Agora Paris dividia espaço com Londres e Milão e os Estados

HÁ UMA GRANDE DIFERENÇA ENTRE “MODA NO BRASIL” E “MODA BRASILEIRA”. O PRIMEIRO SERIA TUDO QUE SE USAVA OU AINDA SE USA AQUI EM NOSSO TERRITÓRIO INDEPENDENTEMENTE SE O PRODUTO E O PADRÃO ESTÉTICO SÃO OU NÃO IMPORTADOS; “MODA BRASILEIRA”, POR SUA VEZ, É CRIADA AQUI COM AS PRÓPRIAS REFERÊNCIAS DE CULTURA E IDENTIDADE NACIONAIS.



1990



Unidos, via Nova York. Muitas vezes os estilos e as criações daqui eram adaptações estrangeiras e releituras da realidade local, sem muita genuinidade e, menos ainda, brasilidade.

Tudo mudou no início dos anos 1990 com Fernando Collor de Mello no Planalto Central. O presidente alagoano abriu o país às importações. Na moda, primeiro chegaram os tecidos e depois os produtos confeccionados. O Brasil entrou na era da globalização. Para competir, o estilista nativo teve de encontrar meios de diferenciar seu produto.

A resposta foi a valorização da nossa temática e da nossa cultura. Olhar para o próprio umbigo tornou-se a postura mais adequada para agregar valor aos produtos criados pelos nossos estilistas para que jornalistas e lojistas reconhecessem uma diferença e ajudassem a despertar o desejo de consumo.

A moda brasileira ganhou novos rumos com o que se chamou de glocalização, ou seja, o produto é globalizado, porém, com características locais. As primeiras escolas de moda tinham surgido na década de 1980, dando novo alento e profissionalismo ao mercado nacional. Contemporaneamente apareceu a ideia dos calendários de moda para desfiles de coleções, organizados em eventos nos quais novos nomes e/ou marcas participavam. O Rio de Janeiro esteve na dianteira com a Semana de Estilo Leslie. Na sequência, em São Paulo, surgiram o Phytoervas Fashion, o Morumbi Fashion Brasil, a Casa de Criadores e o São Paulo

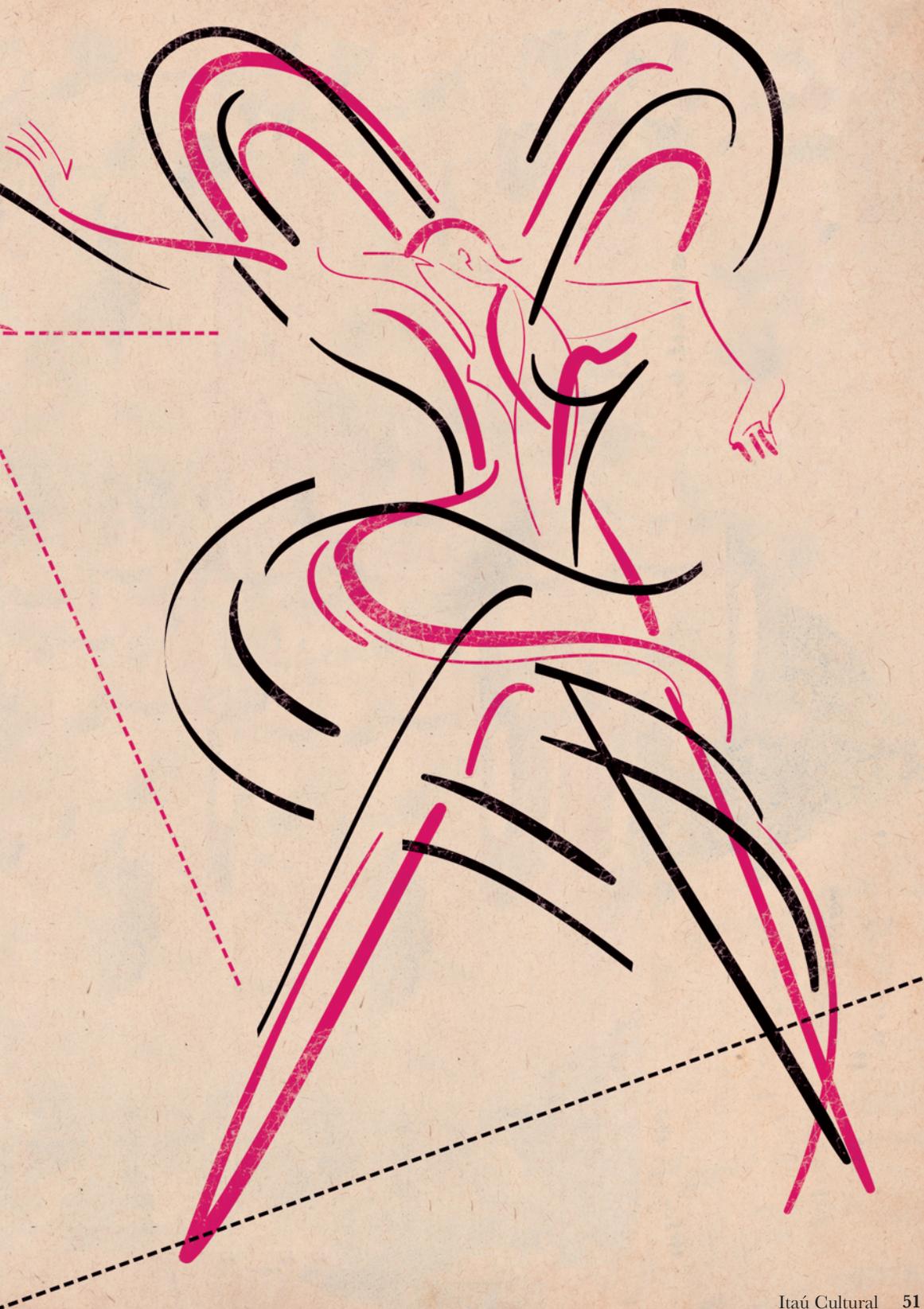
Fashion Week. De volta ao Rio, agora foi a vez do Fashion Rio. Surgiram inúmeras outras semanas com feiras e desfiles ao redor do Brasil e a produção brasileira ganhou verdadeira projeção nacional e internacional. Assim a cultura de moda vem sendo difundida e assimilada no país.

Com esse processo de internacionalização, cada vez mais se busca um trabalho autoral como forma de genuinidade criativa. Muito da temática nacional das autorreferências e de brasilidade vem sendo aplicado nas coleções nacionais, sem ser algo folclórico, porém, dialogando com padrões estéticos internacionais e bebendo na própria fonte.

Parece que, a partir e por causa involuntária de Collor de Mello, podemos falar de uma verdadeira “moda brasileira”. Importante lembrar que todo esse pioneirismo, vanguardismo, iniciativa ou qualquer outra forma de adjetivação para a valorização da cultura nacional, coube a Zuzu Angel, quando preteritamente já praticava essa postura de autêntica brasilidade. Não é gratuito que a própria Zuzu, conscientemente reconhecendo sua importância, já dizia com propriedade: “Eu sou a moda brasileira”.

Sendo assim, essa realidade da atual moda brasileira significa estar sob as asas do anjo. ✂

● *Qual espaço Zuzu ocupava como mulher nos anos 1950 e 1960 e qual espaço ela conquistou?*



Por uma legítima moda brasileira

O INSTITUTO ZUZU ANGEL (IZA) COMPLETA 20 ANOS DE ATUAÇÃO PIONEIRA NO ENSINO DE MODA NO RIO DE JANEIRO.

POR LAURA ZÚÑIGA

O Instituto Zuzu Angel (IZA), fundado e presidido por Hildegard Angel, completou 20 anos de atuação. Para avaliar essa trajetória, a reportagem de *Zuleika* visitou a sede do IZA, em Copacabana, e conversou com Hildegard e a vice-presidente, Celina de Farias, sobre o pioneirismo da entidade na moda carioca.

Inicialmente concebido como Centro Stuart Angel de Estudantes, o instituto foi criado em 1993 para manter viva a memória e o legado da estilista Zuzu Angel. O IZA é responsável pelo primeiro curso superior de moda do Rio de Janeiro (terceiro do país) e se tornou um cobiçado polo de ensino por estudantes de inúmeras áreas criativas. Está

ZUZU ANGEL

Nas suas andanças por aqui, ou voando para o exterior, "LEVE UM ANJO A TIRACOLO!"



Agora, novas bolsas em tamanho menor.

52

Zuleika

Estes novos anjos de Zuzu, são lindos, leves e vão lhe trazer boa sorte.



Sacolas Cr\$ 140,00
bolsas e maléts
Cr\$ 260,00
rua Alm. Pereira
Guimarães 79-A
Leblon - Rio.



BOLSAS MALETAS E SACOLAS

lá o primeiro curso superior de design de joias do Rio de Janeiro, assim como outros cursos que promovem o diálogo entre moda e criatividade ministrados por nomes como Joãozinho Trinta.

A abrangência de suas áreas de atuação produziu novas marcas e criadores, ampliando investimentos e oportunidades para a indústria da moda carioca.

Segundo Hildegard, as ações sempre tiveram como objetivo estimular a brasilidade, uma filosofia que ela sempre admirou no trabalho de Zuzu, assim como aproximar os estudantes do que é estimulante para o fazer da moda e reforçar que essa expressão cultural é tão importante quanto as outras artes.

“Sempre tivemos a preocupação em valorizar elementos de brasilidade para formar estudantes completos. A disciplina de estudos brasileiros obrigou os alunos a se aprofundar nos estudos sobre o país: história social, arte e cultura brasileiras. Tudo o que diz respeito à riqueza nacional que aproxima o jovem universitário do que é inspirador para a sua moda”, diz.

Campos de atuação

Talvez por essa preocupação com a pluralidade de interesses, voltados para a valorização da cultura brasileira em toda sua abrangência, o IZA formou alunos que não se prenderam à prática da moda, mas levaram seu conhecimento a diversos campos de atuação, como figurino, artes plásticas, design de joias e psicanálise.

Os laboratórios de criação – pioneiros no país –, os convênios com renomadas entidades internacionais de ensino e a criação do primeiro MBA em produção de moda do Rio

de Janeiro são outros méritos do instituto. O IZA levou a moda aos museus, produzindo as exposições sobre Jacqueline Kennedy e Zuzu Angel, na década de 1990.

Pioneiro em tantas ações, tal qual sua homenageada, o IZA mantém viva a história do Brasil e, por meio do vigor de seus artistas e criadores, produz uma moda original, autoral, engajada. Uma moda atemporal.

Para Celina de Farias, o sentimento que fica depois de tantos anos de história é o de dever cumprido: “Moda é muito mais que corte e costura. É arte, figurino, história, marketing etc. e a proposta é que os alunos também saiam do curso com uma noção geral do que é a indústria. O sentimento de gratificação é inigualável”.

O instituto, atualmente, trabalha com o projeto Saber Itinerante da Moda (SIM), que leva propostas técnicas e conceituais até empresas e grupos interessados em adquirir conhecimentos ou atualizar-se no campo da moda. Essa é uma boa forma de dar continuidade ao projeto de ensino do instituto. Uma forma proativa de preservar a memória do país.

O IZA na opinião de ex-alunos

Para Maria Fernanda Lucena, formada em design de moda no IZA, com experiência em produção de arte e figurino na TV, artista plástica e estilista das marcas Maria Bonita e Cavendish, a experiência no IZA foi fundamental. “Saímos do instituto profissionais completos, não só técnicos em modelagem e costura. Tive excelentes professores

O IZA É RESPONSÁVEL PELO PRIMEIRO CURSO SUPERIOR DE MODA DO RIO DE JANEIRO (TERCEIRO DO PAÍS) E SE TORNOU UM COBIÇADO POLO DE ENSINO POR ESTUDANTES DE INÚMERAS ÁREAS CRIATIVAS.

de história da arte e desenho, que me despertaram a vontade de ir mais fundo na minha produção artística.”

Beto Abreu, estilista e diretor criativo da Espaço Fashion e psicanalista, também estudou no IZA e, em 1995, ganhou o primeiro Prêmio Zuzu Angel Novos Talentos. “Minha passagem pelo IZA foi determinante para a minha entrada no mercado de moda, na área acadêmica e de criação”, explica.

A estilista e designer de joias Simone Nunes estudou no IZA e, por meio de intercâmbio do instituto, ganhou o prêmio Esmod, da Ecole Supérieure des Arts et Techniques de la Mode, em Paris. Hoje, Simone vive e trabalha com design de joias em Paris. “Zuzu foi pioneira da autêntica moda brasileira. Ela se inspirou em suas raízes, enquanto o que vinha de fora era mais valorizado. Ela usou a moda como meio de expressão para seus protestos. Fez da moda arte!”, defende.

Formada no Curso Superior de Moda do IZA, Labibe Simão fez especializações em moda em Paris e é atualmente figurinista de TV. “O instituto abrange a moda, no sentido global de informação e do mercado, apresentando diversos caminhos para a melhor escolha do aluno.” --✂



De cima para baixo: desfile no Espaço Fashion | Foto: Marcio Madeira. Figurino de Beto Abreu para teatro | Foto divulgação. Joias da coleção Vitória-Régia, de Simone Nunes | Foto: Simone Nunes.



Desenho de t-shirt Zuzu Angel

NÓS EXPORTAMOS O TECIDO, NÓS EXPORTAMOS A MODA.

POLYBEL, O TECIDO INTERNACIONAL

(Prático, macio, elegante, agradável de usar)



FLAGRANTE DO DESFILE - Modelo em tecido Polybel
ZUZU LANÇA A MODA BRASILEIRA EM NEW YORK

COMO ÉRAMOS INFELIZES...



HILDEGARD ANGEL RECORDA OS EFEITOS AVASSALADORES DO GOLPE DE 1964 CONTRA SUA FAMÍLIA EM RESPOSTA AO SILÊNCIO E À DESINFORMAÇÃO.

Se a ditadura militar tivesse sido contada na escola como são a Inconfidência Mineira e outros episódios pontuais de usurpação da liberdade em nosso país, eu não estaria me vendo obrigada a passar sal em minhas tão raladas feridas, que jamais pararam de sangrar.

Fazer as feridas sangrar é obrigação de cada um dos que sofreram naquele período e ainda têm voz para falar.

Alguns já se calaram para sempre. Outros agora se calam por vontade própria. Terceiros, por cansaço. Muitos, por desânimo. O coração tem razões...

Eu falo e eu choro e eu me sinto um bagaço. Talvez porque a minha consciência do sofrimento tenha pegado meio no tranco, como se eu vivesse durante certo tempo assim catatônica, sem prestar atenção, caminhando como cabra-cega num cenário de terror e desolação, apalpando o ar, me guiando pela brisa. E quando, finalmente, me caiu a venda só vi o vazio de minha própria cegueira.

Meu irmão, meu irmão, onde estás? Sequer o corpo jamais tivemos.

Outro dia, jantei com um casal de leais companheiros dele. Bronzeados, risonhos, felizes. Quando falei do sofrimento que passávamos em casa, na expectativa de saber se Tuti estaria morto ou vivo, se havia corpo ou não, ouvi: “Ah, mas se soubessem como éramos felizes... Dormíamos de mãos dadas e com o revólver ao lado, e éramos completamente felizes”. E se olharam, um ao outro, completamente felizes.

Ah, meu deus, e como nós, as famílias dos que morreram, éramos e somos completamente infelizes!

A ditadura militar aboletou-se no Brasil, assentada sobre um colchão de mentiras arditosamente costuradas para iludir a boa-fé de uma classe média desinformada, aterrorizada por perversa lavagem cerebral da mídia, que antevia uma “invasão vermelha”, quando o que, de fato, hoje se sabe navegava célere em nossa direção uma frota americana.

Deu-se o golpe! Os jovens universitários liberais e de esquerda não precisavam de motivação mais convincente para reagir. Suas armas eram a ideologia, os argumentos, os livros. Foram afugentados do mundo acadêmico, proibidos de estudar, de frequentar as escolas, o saber entrou para o index nacional engendrado pela prepotência.

As pessoas tinham as casas invadidas, gavetas reviradas, papéis e livros confiscados. Pessoas eram levadas na calada da noite ou sob o sol brilhante, aos olhos da vizinhança, sem explicação nem motivo, bastava uma denúncia, sabe-se lá por que razão ou por quem, muitas para nunca mais serem vistas ou sabidas. Algumas eram mortas à luz do dia. Ratatata e pronto.

E todos se calavam. A grande escuridão do Brasil. Assim são as ditaduras. Hoje ouvimos falar dos horrores praticados na Coreia do Norte. Aqui não foi muito diferente. O medo era igual. O obscurantismo igual. As torturas iguais. A hipocrisia idêntica. A aceitação

**A DITADURA MILITAR ABOLETOU-SE NO BRASIL,
ASSENTADA SOBRE UM COLCHÃO DE MENTIRAS
ARDILOSAMENTE COSTURADAS PARA ILUDIR A
BOA-FÉ DE UMA CLASSE MÉDIA DESINFORMADA.**

da sobrevivência. Ame-me ou deixe-me. O dedurismo. Tudo igual. Em número menor de indivíduos massacrados, mas a mesma consistência de terror, a mesma impotência.

Falam na corrupção dos dias de hoje. Esquecem-se de falar nas de ontem. Quando cochichavam sobre as “malas do Golbery” ou as “comissões das turbinas”, as “compras de armamento”. Falavam, falavam, mas nada se apurava, nada se publicava, nada se confirmava, pois não havia CPI, não havia um Congresso de verdade, uma imprensa de verdade, uma Justiça de verdade, um país de verdade. Um Brasil de mentirinha, ao som da trilha sonora ufanista de Miguel Gustavo.

* * *

Minha família se dilacerou. Meu irmão torturado, morto, corpo não encontrado. Minha mãe assassinada, numa pantomima de acidente, só desmascarada 22 anos depois pelo ministro José Gregory, no governo de Fernando Henrique Cardoso. Meu pai, quatro infartos e a decepção de saber que ele, estrangeiro, que dedicou vida, esforço e economias para manter um orfanato em Minas, criando 50 meninos brasileiros e lhes dando ofício, via o Brasil lhe roubar o primogênito, Stuart Edgart, que soma no nome as homenagens a seu pai e irmão, ambos pastores protestantes americanos – o irmão assassinado por membro louco da Ku Klux Klan. Tragédia que se repetia.

Minha irmã, enviada repentinamente para estudar nos Estados Unidos, quando minha mãe teve a informação de que sua sala de aula, no

curso de ciências sociais, na PUC, seria invadida pelos militares, e foi, e os alunos seriam presos, e foram. Até hoje, ela vive no exterior.

Barata tonta, fiquei por aí, vagando feito mariposa, em volta da fosforescência da luz magnífica de minha profissão de colunista social, que só me somou aplausos e muitos queridos amigos, mas também uma insolente incompreensão de quem se deu o insano direito de me julgar por ter sobrevivido.

Outra morte dolorida foi a da atriz, minha verdadeira e apaixonada vocação, que, logo após o assassinato de minha mãe, precisei abdicar de ser, apesar de me ter preparado desde a infância para isso e já ter alcançado o espaço próprio. Intuitivamente, sabia que prosseguir significaria uma contagem regressiva para meu próprio fim.

Hoje, vivo catando os retalhos daquele passado, como acumuladora, sem espaço para tantos papéis, rabiscos, memórias, tentando me entender, encontrar, reencontrar e viver, apesar de tudo, e promover nessa plantação tosca de sofrimentos uma bela colheita: a Casa Zuzu Angel de Memória da Moda do Brasil, que lembrará tanto Zuzu quanto Stuart, e tudo de bom e de belo que fizeram, como transmitirá os saberes e as tecnologias para a preservação da memória têxtil e histórica de nosso país.

E ainda me perguntam em que a ditadura militar modificou minha vida. ...✂

HILDEGARD ANGEL

Ocupação Zuzu | programação

terça 1 abril a domingo 11 maio 2014

terça a sexta 9h às 20h [permanência até as 20h30]
sábado, domingo e feriado 11h às 20h
[no dia 1º de abril, a mostra pode ser visitada
entre as 9h e as 17h]

pisos 1, térreo, -1 e -2 

Atendimento Educativo

Conheça a exposição por meio de visitas
elaboradas pela equipe do Itaú Cultural.

visitas espontâneas

português

terça a sexta 18h

sábado 16h e 18h

domingo 11h e 18h

libras (língua brasileira de sinais)

quarta e quinta 10h

sexta 10h e 15h

sábados 12 e 26 domingos 13 e 27 11h30 e 15h

20 vagas

[duração aproximada 60 minutos]

[informações no balcão de atendimento ao
público – *pisos térreo*]

visitas agendadas

Escolas e organizações sociais podem
programar um passeio para grupos pelo
espaço expositivo pelo telefone 11 2168
1876, de terça a sexta, das 9h às 20h. As
visitas – em português ou em Libras – têm
duração aproximada de 90 minutos. São
disponibilizados, gratuitamente, ônibus para
instituições públicas e/ou sem fins lucrativos.

Videoguia

Explore a mostra no seu próprio ritmo com
a ajuda de equipamentos audiovisuais – em
português, inglês e Libras. Mais informações
no balcão de atendimento ao público.

Moda e Política no Cinema Brasileiro [MOSTRA DE FILMES]

A partir da trajetória de Zuzu documentários
e ficções recuperam o contexto sociopolítico
da ditadura militar e tematizam a repressão
que vitimou a estilista e seu filho. A curadoria
é de Eduardo Morettin.

quinta 3 abril

15h **Zuzu Angel** [Sérgio Rezende, 2006, 104
min, ficção] 

17h **Vala Comum** [João Godoy, 1994, 32
min, documentário] e **Hércules 56** [Silvio
Da-Rin, 2006, 94 min, documentário] 

20h **O Ano em que Meus Pais Saíram
de Férias** [Cao Hamburger, 2006, 104 min,
ficção] 

sexta 4 abril

15h **Diário de uma Busca** [Flávia Castro,
2010, 108 min, documentário] 

17h **Hoje** [Tata Amaral, 2011, 90 min,
ficção] 

20h **Todas as Mulheres do Mundo**
[Domingos Oliveira, 1966, 92 min, ficção] 

sábado 5 abril

15h **A Memória que Me Contam** [Lucia
Murat, 2012, 100 min, ficção] 

19h lançamento da série de TV e web
crônicasNÃOditas [Tatiana Lohmann,
Claudia Schapira, Bianca Turner e Azul
Serra, 2014, 45 min] **12**

sala itaú cultural 249 lugares
[distribuição de ingressos 30 minutos antes do
início do evento]

Em Torno de Zuzu - Encontros sobre Moda, Criação e Política

Artistas, estilistas e pesquisadores falam sobre
a obra de Zuzu e seus próprios trabalhos.

Marcos Napolitano [historiador] e

Tata Amaral [cineasta]

mediação de **Eduardo Morettin**

[professor de história do audiovisual na
Universidade de São Paulo (USP)]

sábado 5 abril | 17h

Ronaldo Fraga [estilista]

mediação de **Cristiane Mesquita**

[pesquisadora, professora, consultora e
jornalista na área de moda]

sábado 19 abril | 17h

Isabela Capeto [estilista]

mediação de **Claudiney Ferreira**

[jornalista e gerente do Núcleo de Audiovisual
e Literatura do Itaú Cultural]

sábado 26 abril | 17h

Elke Maravilha [atriz e modelo] e

Hildegard Angel [jornalista e filha de
Zuzu Angel]

mediação de **Cristiane Mesquita**

sábado 3 maio | 17h

Gisele Dias [estilista]

mediação de **Cristiane Mesquita**

sábado 10 maio | 17h

piso -2 50 lugares **14**

[distribuição de ingressos 30 minutos antes do
início do evento]

Zuzu Angel - História e Moda [MINICURSO]

Mestre em história da ciência e especialista
em história da arte e história da
indumentária e da moda, João Braga aborda,
entre outros assuntos, a produção de Zuzu e
conceitos como os de estilo e de moda.

sábado 5 abril | 9h às 15h [intervalo das 12h30
às 13h30]

sala itaú cultural 249 lugares **14**

[distribuição de ingressos 30 minutos antes do
início do evento]

Encontros com Professores

Por meio de visitas à *Ocupação Zuzu*, projeto
visa criar diálogos entre o Itaú Cultural e
profissionais ou estudantes de educação.

Eu na Moda, a Moda em Mim

sábado 5 abril | 9h

**A Comunicação por Imagens no
Período da Ditadura Militar no Brasil**

sábado 10 maio | 9h

piso -2 44 vagas **1**

[duração aproximada 180 minutos]

[inscrições pelo telefone 11 2168 1876, de
terça a sexta, das 9h às 20h]

Rodas de Conversa

Bate-papos descontraídos sobre temas ligados à exposição.

Bordado: entre a Arte e a Moda

domingo 6 abril | 16h

Arte e Política

domingo 13 abril | 16h

Ditadura Ontem e Hoje

domingo 20 abril | 16h

Existe Diferença entre a Publicidade dos Anos 1970 e a de Hoje?

[com tradução em Libras]

domingo 27 abril | 16h

Alguns Conceitos de Design: Estampas nos Anos 1970 [com tradução em Libras]

domingo 11 maio | 16h

[duração aproximada 30 minutos]

[informações pelo telefone 11 2168 1876 – de terça a sexta, das 9h às 20h – ou no balcão de atendimento ao público]

Oficinas para Crianças

O público infantil é convidado a pensar sobre as roupas que vestimos no dia a dia e a aprender algumas das técnicas de corte e costura.

Estamparia

Explorando técnicas como as de carimbo e estêncil, os pequenos investigam o que falamos por meio das nossas roupas. As estampas podem ser aplicadas em peças dos participantes ou em tecidos fornecidos durante a oficina.

sábado 5 domingo 6 abril

sábado 3 maio | 14h

20 vagas

 [mais bem aproveitado por crianças acima de 5 anos]

Bordado

A linguagem é apresentada às crianças por meio de técnicas simples, que estimulam a criatividade e a habilidade manual.

sábado 12 domingo 13 abril | 14h

15 vagas

 [mais bem aproveitado por crianças acima de 6 anos]

Moda de Papel

A partir de modelos e estampas criados por Zuzu, as crianças confeccionam – e aplicam sobre um personagem – roupas e acessórios de papel. A atividade visa estimular a percepção dos participantes para questões ligadas à cor e composição, tão presentes no universo da moda.

sábados 19 e 26 domingos 20 e 27 abril | 14h

30 vagas

 [mais bem aproveitado por crianças acima de 4 anos]

piso -2

[duração aproximada 60 minutos]

[inscrições 30 minutos antes do início da atividade]

A Moda Independente de Zuzu Angel

Filha de Zuzu, a jornalista social e de moda Hildegard Angel fala sobre o processo de criação dos principais trabalhos de sua mãe.

sexta 9 maio | 17h

piso -2 50 lugares 

[distribuição de ingressos 30 minutos antes do início do evento]

Ocupação Zuzu

Curadoria

Hildegard Angel, Itaú Cultural e
Valdy Lopes Jr

Curadoria Educativa

Itaú Cultural

Projeto Expográfico

Valdy Lopes Jr

Assistente Projeto Expográfico

Fernanda Carlucci

Concepção e Realização

ITAÚ CULTURAL

Presidente

Milú Villela

Diretor Superintendente

Eduardo Saron

Superintendente Administrativo

Sergio M. Miyazaki

NÚCLEO DE AUDIOVISUAL E LITERATURA

Gerência

Claudiney José Ferreira

Coordenação

Kety Fernandes Nassar

Produção Executiva

Jahitza Balaniuk

Edição

Rodrigo Lorenzetti

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E RELACIONAMENTO

Gerência

Valeria Barzaghi Tolo

Coordenação de Projetos

Especiais

Tatiana Prado

Produção Executiva

Tayná Menezes

Coordenação de Atendimento

Educativo

Samara Ferreira

Educadores

Ana Figueiredo (estagiária), Bianca Selofite, Claudia Malaco, Débora Fernandes, Fernanda Kunis (estagiária), Guilherme Ferreira, Isabela Quattrer, Josiane Cavalcanti, Lara Teixeira (estagiária), Maria Meskelis, Paula Pedroso, Raphael Giannini, Samantha Nascimento (estagiária), Sylvia Sato e Thiago Borazanian

NÚCLEO DE PRODUÇÃO DE EVENTOS

Gerência

Henrique Idoeta Soares

Coordenação

Edvaldo Inácio Silva e Vinícius Ramos

Produção

Ana Francisca Salles Barros, Carmen

Cristina Fajardo Luccas, Cristiane da Silva Zago, Erica Pedrosa Galante, Fabio Marotta, Wanderley Jamano Bispo, Daniel Soares (terceirizado), Maria Zelada (terceirizado) e Aline Arroyo Barbosa de Oliveira (estagiária)

Produção das Atividades

Paralelas

Coordenação

Januário Santos

Produção

Julia Godinho Retondo (terceirizado), Janaina Bernardes, Priscila Moraes (terceirizado), Marcos Miranda e Pedro Batalha (terceirizado)

NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO

Gerência

Ana de Fátima Sousa

Direção de Arte

Jader Rosa

Comunicação Visual

Yoshiharu Arakaki

Produção Editorial

Raphaella Rodrigues

Coordenação de Textos

Carlos Costa

Edição de Textos

Roberta Nogueira Dezan

Fotografia e Edição de Imagens

André Seiti

Coordenação de Revisão

Polyana Lima

Revisão (Terceirizada)

Ciça Corrêa

Nelson Visconti

Produção de Conteúdo On-Line

Maria Clara da Silva Matos

COLABORAÇÃO

Pesquisa

Marcos Florence Martins Santos

Pesquisa Audiovisual

Solange Santos

Edição de Imagens

Marcos Ribeiro

Desenho Sonoro

Edson Secco

Consultoria

João Braga

Pesquisa

Tula Fyskatoris

Manipulação das Roupas

Katia Johansen

Confecção das Peças

Ofélia Lott

Assessoria IZA

Celina de Farias

Direção Artística da Performance

Karlla Giroto

Assistência

Júlia Polý

Aderecistas do Ateliê de Costura

Michele Rolandi e Aristides Araújo do Nascimento Junior

Produção de Moda

Carla Boregas e Flávia Lhacer

Direção Criativa de Beleza

Diego Américo, agência Amuse-ment
Beaut Agency

Amuse-ment Beaut Agency

Alexandre Fagundes, Leila Turgante,
Leticia de Carvalho, Omar Bergea,
Paulo Renso, Rafael Capello, Renato
Almeida e Sadi Consati

Attrizes na Exposição

Marilia Adamy, Laís Marques, Vera
Bonilha, Eliana César, Gabi Vanzetta,
Mariana Marcassa, Michele Navarro,
Paula Micchi e Thaís Medeiros

Modelos na Abertura

Das agência Way Model Management
e agência Mega Model Brasil

Crochet

Gustavo Silvestre

Trilha Sonora

Ad Ferrera

Estilistas dos Vestidos da Performance

Adriana Degreas, Alexandre
Hherchovitch, Amapô, André Lima,
Fause Hatén, Fernanda Yamamoto,
Gloria Coelho, Gustavo Silvestre, Huis
Clos, Isabela Capeto, Karlla Giroto,
Lino Villaventura, Marcelo Sommer,
Martha Medeiros, Neon, Pedro
Lourenço, Ronaldo Fraga, Sonia Pinto
e Walter Rodrigues

Agradecimentos

Adriana Rattes (Secretaria de Estado
de Cultura do Rio de Janeiro / SEC),
Ana Cecília Martins, Ana Cristina
Angel Drone, Antônio Guerreiro,
Afonso Luz, Alexandre Niemeyer,
Aloysio Maria Teixeira Filho, Anelmo
Silva de Andrade, Beth Bricio, Carlos
Roberto de Siqueira Castro, Cibele
Varela, Colmar Diniz, Dayse Marques,
Douglas Fasolato, Eduardo Pane
(IZA), Elisabete Paiva Kalash, Francis
Bogossian, Geraldo Araujo, Graça
Cabral, Henrique Filho, João Maurício
de Araujo Pinho, Juliana Ikuno, Karina
Souza (MUSAS), Laerte Matias
Fernandes, Lucília Lopes, Luiz Carlos
Martins Machado, Luiza Marcier (SEC),
Marcia Bibiani (SEC), Mariana Várzea
(SEC), Marina Giustino (IZA), Martha
Alencar, Mary Carvalho, Maurílio
Guimarães, Michelle Kauffman, Nadja
Mendelovitch (IZA), Newton Vieira,
Oswaldo José Monteiro, Paulo Borges,
Renata Senna (IZA), Sarah Lima e
Telma Lasmar (Musas)



- TEMAS
- BARQUINHO
 - CARACOL
 - NAVIO C/ BANDEIRA
 - NAVIO S/ BANDEIRA
 - PASSARINHO
 - ANJO
 - PINTO
 - MENINO C/ GRADE
 - MENINO C/ CHAPEL DE SOLDADEIRO
 - CANHÃO
 - TANQUE
 - POMBA DA PAE PEZA
 - CASINHA C/ FUMACA
 - SOL
 - ESSELA

BORDADOS CONTUNDENTES

Vestido da coleção de protesto contra a ditadura militar, de 1971.

Os bordados artesanais reproduziam figuras inocentes – anjos e casas – e mordazes – uniformes, quepes e o sol atrás de grades. O resultado é contundente. O que parece ser infantil e delicado se revela violento e triste.

O lançamento teve importante repercussão na mídia internacional. No Brasil, o silêncio imposto pela ditadura emudeceu o ato heroico, que agora volta com seu valor histórico e artístico reconhecido.

OCUPAÇÃO

Muzeu

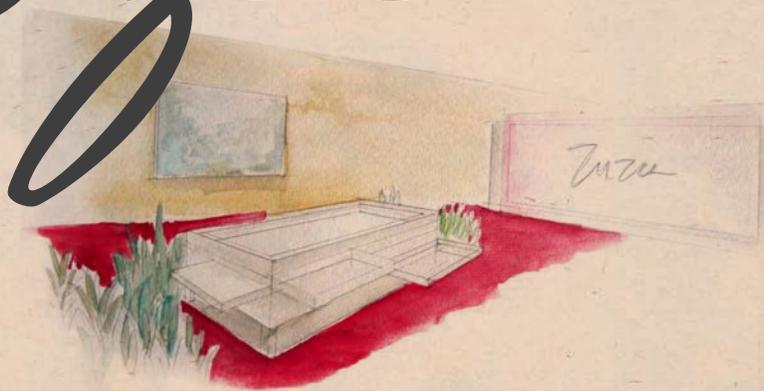
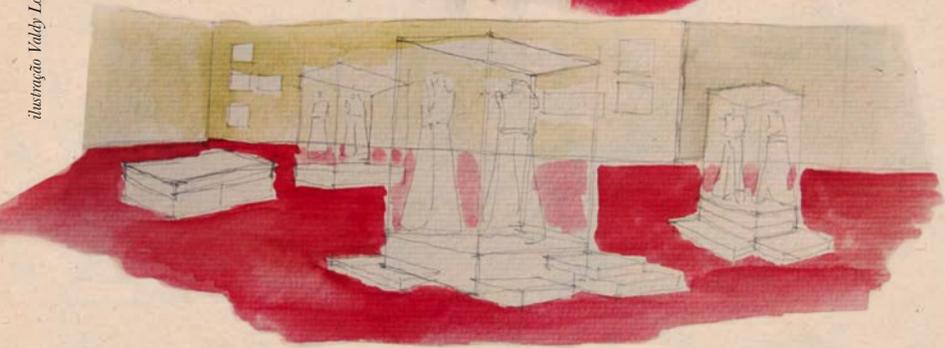


ilustração Váldy Lopes Jr



visitação

terça 1 abril a domingo 11 maio 2014

1 abril – horário especial das 9h às 17h

terça a sexta 9h às 20h

sábado domingo feriado 11h às 20h

itaucultural.org.br/ocupacao
zuzuangel.com.br



entrada franca



Apoio



SPFW

Parceria



IZA

Realização

Itaú cultural

Ministério da Cultura



/itaucultural itaucultural.org.br fone 11 2168 1777 atendimento@itaucultural.org.br avenida paulista 149
são paulo sp 01311 000 [estação brigadeiro do metrô]